



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO V - Nº. 54

Arcanjo da Estação Inverno: Gabriel

Setembro 2007

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

A Força Curativa do Silêncio

Agora, debes conhecer os brotos nocivos, causas ocultas e muitas vezes inconscientes de teus ímpetos e sentimentos e aprender a estirpá-los.

Enquanto esses brotos estiverem presentes, nenhuma segurança tens de estarem limpos o teu coração e a tua alma.

De que vale ao jardineiro que tosou as ervas más e não haver-lhes extintos as sementes e raízes?

De que vale ao médico fazer cessar uma freqüente hemorragia, se não apura as suas causas e não as debela?

Se um poço parece claro e puro, mas ainda tem no fundo lama e lixo, voltará sempre a ficar sujo e turvo.

Compreende bem, ó virtuoso peregrino, que por trás de todos os teus impulsos e sentimentos, há de haver sempre em ti um pensamento mais claro ou mais escuso.

São sempre teus pensamentos que dão, a teus atos, impulsos e sentimentos, suas cores e direções!

Sabe, entretanto, que as causas do teu estado atual são muitas vezes aqueles pensamentos que tu, nas tuas anteriores vidas, criaste e dos quais teu atual inte-

lecto míope nada vê.

Assim como o Universo é o pensamento manifesto de Deus, assim não passa o teu mundo, a tua vida, o teu destino da expressão de teus pensamentos passados e atuais, por isso dependem, a tua felicidade e infelicidade, a tua dita ou desdita de teus pensamentos.

H. Blavatsky diz: “Nem sempre é a carne que faz a tentação; em nove casos entre dez, é a mente inferior que leva, com suas imagens, a carne à tentação.

O pensamento atua no cérebro, o cérebro, no órgão, e então acorda os desejos.

A excitação exterior não excita o órgão.

Por isso, cumpre sejam, primeiro, mortos os pensamentos, antes que os desejos possam extinguir-se. O discípulo deve observar seus pensamentos. O pensamento de cinco minutos pode destruir o trabalho de cinco anos.”

O conhecido místico persa, Djalal-ud-diu-Rumi, disse: “Ó irmão! Não és outro senão teus pensamentos! O que há, em ti, além deles, não passa de ossos e fibras. Se teus pensamentos forem espinhos, não serás mais que lenha para o fogão.”

Zaratustra também disse: “Rogo-te, ó Ahura-Mazda para mim e para os que cumprem tua vontade, a melhor de todas as coisas, o eterno bem do espírito puro.”

E o sublime Gautama Buddha anunciou essa verdade nas seguintes palavras:

“Primeiro, pensamento; depois, palavras e ato

No pensamento jaz a semente do destino.

Quem, mal intencionado, escolhe as palavras,

Quem, mal intencionado, realiza o trabalho,

A esse acompanham mágoas que ele mesmo criou

Como a roda ao casco do cavalo.

Primeiro, pensamento: depois, palavra e ato!

No pensamento jaz a semente do destino,

Quem, bem intencionado, escolhe as palavras,

Quem, bem intencionado realiza o trabalho,

A esse acompanham felicidade e alegria, Quais sombras fiéis.(continua)

Iranschahr Gnose jan 1939

Crata Repoa

Assim se denominava uma sociedade iniciática do Egito, tão famosa talvez, como a dos Esênios.

O discípulo, candidato à iniciação, só era aceito mediante cartas de recomendação do rei ou dos grao-sacerdotes, comprobatórias de sua boa conduta e equanimidade, em uma palavra, devia ser ou possuir tudo aquilo que hoje em dia se exige de um bom Rosa-Cruz.

Existiam escolas especiais em Heliópolis, Mêmphis e Thebas. Uma vez que houvesse concluído seus estudos em qualquer dessas escolas, era o discípulo conduzido ao templo, com um cerimonial especial para sofrer a circuncisão.

Isto mostra que os candidatos não podiam ser judeus, porque estes praticavam a circuncisão aos oito dias de nascido. Acentuamos o fato dos egípcios sofrerem a circuncisão ao atingirem a puberdade para provar que não eram judeus.

Os judeus jamais tiveram escola iniciática própria, ao contrário, penetravam nas sociedades secretas quando as mesmas entravam em decadência.

Noventa e nove por cento dos rituais egípcios são adaptações judias, como judia é, em seus rituais, a maçonaria.

O mais puro, o mais primitivo, e pode-se dizer mesmo, o mais excelso, são os mistérios dos maias, e a sociedade iniciática que possui os rituais secretos e toda a documentação, somos nós a FRATERNIDADE ROSACRUCIANA ANTIQUA.

Mas, voltemos ao objetivo principal deste artigo, a Crata Repoa.

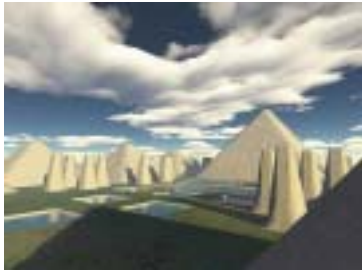
Depois de um exame mais ou menos severo, eram os discípulos conduzidos a uma cela solitária e ali conservados durante muitos meses em meditação, anotando os pensamentos que os assaltavam.

Em seguida, eram levados a um corredor ou galeria repleto de colunas de Hermes adornadas com inscrições de belas sentenças que os discípulos deviam decorar.

O candidato era ali visitado diariamente, por um Hesmósforo, com um chicote na mão para castigar os profanos que se aproximassem.

A palavra Hesmósforo pode traduzir por introdutor, e assim se denominava, também, o primeiro grau de iniciação, ou pré-iniciação, pois o seu verdadeiro nome era “pastóforo” ou aprendiz.

Na cerimonia, o iniciado era levado, pela mão à ...“porta da humanidade”, o que equívale, hoje em dia, a estar “entre colunas”, na maçonaria.



Ali, os hierofantes o a c o s s a v a m com diversas perguntas sobre as ciências, s e n d o ,

também, submetido às provas do fogo, da água, da terra e do ar. Caso saísse vitorioso dessas provas, era o discípulo conduzido aos menies ou menes (chamamos a tenção para essa palavra, idêntica entre os maias) .

O local onde se realizavam essas provas chamava-se “Birantha”. Concluída a cerimônia, tornava-se a conduzir o iniciado para “entre colunas “, onde ele jurava então fidelidade. Essas colunas se denominavam “Betilies”, e diante delas havia um escada de sete degraus que representava o setenário do ser humano.

O hierofante pronunciava, então um discurso e invocava os astros como testemunha no ato, segundo a sua disposição no horóscopo do neófito.

Neste grau, eram-lhe ensinadas anatomia, medicina e rudimentos da linguagem da luz, não podendo o discípulo sair dele antes de ser um médico perfeito. Sair em astral e manejar os mantras. Tinha de andar nu, possuindo unicamente um avental que lhe cobria as partes pudendas. Em sua cela solitária só penetrava o instrutor, que, de tempos em tempos, informava ao hierofante do adiantamento do discípulo.

Tal era a preparação para o segundo grau. O caminho do iniciado era semeado de escolhos. Faminto e ardendo em desejos sexuais, tal era o estado, em que o discípulo batia à porta do segundo grau, depois de submeter-se ao mais rigoroso jejum, antes de se proceder às cerimônias de acenso.

O segundo grau se denominava “Neocóris”. Depois desses dias de jejum, era o estudante levado a câmara negra, conhecida por “endimion”.

De repente, quando menos se esperava, abriam-se as portas e entravam várias mulheres, nuas e seminuas, que ofereciam manjares, e ainda pior, que se ofereciam a si mesmas, convidando o discípulo aos deleites sexuais.

Si o estudante suportasse essas provas satisfatoriamente, era conduzido, então a uma espécie de jardim, onde o “Hesmósforo“ ou introdutor o punha em presença dos “estolista” ou aguadores.

Reinava nesse local um calor sufocante, e o discípulo poderia refrescar-se com água de uma cuba que eles lhe atiravam, se de uma segunda cuba não saíssem serpentes que se enroscavam em suas pernas e braços.

Era então reconduzido para o local “entre colunas “, e felicitado se houvesse sustentado com firmeza nesta segunda prova e si dela tivesse saído com honra.

Neste grau era familiarizado com o culto solar e instruído na arte da arquitetura, e ainda ampliava seus conhecimentos de magia sexual.

O terceiro grau era “O Guardião da Porta da Morte”. Era o discípulo trazido a uma sala, cujas paredes eram cobertas de panos pretos, cujo recinto estava cheio de ataúdes e em cujo centro se encontrava o catafalco especial do deus Osiris.

Era, então, inquirido se havia tomado parte no assassinato de Osíris, e ao responder pela negativa, como era natural, o rei lhe punha uma coroa de ouro na cabeça. Instruído previamente, o candidato arrojava de si a coroa com desprezo, e o rei exclamava então: “Ofensa e vingança”, erguendo uma acha ou massa com a qual tocava suavemente a cabeça de neófito.

Os “Tapireyas “, assim se denominavam os embalsamadores, o atiravam ao solo e o envolviam em ataduras, como se fosse uma múmia. E, neste estado, o conduziam para o lago. Ali o aguardava “Charon” com o barco, que o conduzia a uma ilha próxima, onde o esperava um sacerdote acompanhado de Minos, Aethon, Nycceus e Orpheu. Todos o assediavam de perguntas, e se o neófito as respondia satisfatoriamente, tiravam-lhe as ataduras, e ele punha-se de pé, caminhava, e o mais importante de tudo, ficava livre para regressar.

Neste grau, era ensinado ao discípulo a escrita ideológica, e estudava a astronomia e a retórica.

O quarto grau lhe era conferido ano e meio após passado ao terceiro, e se denominava Cristóforo.

Nessa ocasião, era o discípulo conduzido a uma sala onde, liberto do corpo físico, lutava em astral, depois de posto artificialmente em transe por uma bebida (Cyce), que lhe era ministrada. Larvas elementais e seres infernais o atacavam, e ele se defendia com uma espada que lhe era dada prévia e juntamente com a chave de que se servia para invocar a ajuda dos mestres.

Era-lhe ensinado o segredo do I A Ô .

Possuímos o ritual completo deste grau. Estamos a dá-lo sob certas condições que publicaremos no artigo seguinte. Não me atrevo a publicá-lo num artigo de revista.

Passemos ao quinto grau, que se denomina “Balahate”. Este grau era forçado, isto é, O Cristóforo tinha o direito de exigí-lo e os Demiurgos tinham que concedê-lo. Para a cerimônia de recepção neste grau reuniam-se todos os mestres e altos iniciados, tomando um deles a título de Hórus.

Hórus, então com os seus companheiros, levando tochas na mão, dava voltas pela sala como se procurassem alguma coisa. De repente, Hórus desembainhava a espada e se encaminhava para a caverna onde morava Tifon, que se levantava mostrando o seu aspecto sombrio e suas cern cabeças sobre os

ombros. Todo o seu corpo estava cheio de escamas e seus braços eram de um comprimento repugnante. Hórus o desafia e vence. Ao cair Tifon, completamente dominado, aparecem na gruta línguas de fogo.

Ao recém iniciado é explicada a sua significação; Tifon representa o calor ou o fogo, sem o que nada germina neste mundo, mas Hórus é o trabalho que tudo vence.

O sexto grau era denominado “O astrônomo “. Nele, o iniciado, além da astronomia comum, tal como nós a conhecemos, entrava em contato com as deidades e forças que atuam por trás dos astros, que eram trazidas ao conhecimento do astrônomo egípcio.

A cerimônia iniciática deste grau fazia ver ao recém-chegado a trajetória dos astros por meio de símbolos ou figurações. E os próprios sacerdotes dançavam para representá-los.

Tudo o que conhecemos, hoje em dia, como prana, tattwas e exercícios ginásticos ocultos, era ensinado ao astrólogo recém iniciado. A palavra de passe era “Ibis”, que significa observador.

Depois desses seis graus, o discípulo se preparava para receber o sétimo. A maioria deles, entretanto, parava no sexto, pois a obtenção do último, denominado “Profeta “, era muito difícil. Nele, era explicada a religião do Crestos Cósmico, e o discípulo recebia como símbolo a Cruz e o Cálice que deveria usar, dali por diante.

Publico estas breves notas e, com prazer, as dedico a alguns discípulos de outras ordens, que conheço e que, sem nada conhecer, falam muito das coisas egípcias, e as dedico, também a alguns de meus próprios discípulos, a quem já dei instruções secretas sobre a iniciação dos maias, para que possam verificar como me assiste sobrada razão para afirmar que a cultura maya foi superior a egípcia e que possuía profundos conhecimentos de uma magia superior.

Trad. Da Revista Rosa Cruz - publicada na gnose dezembro 1937 - Rosa-Cruz +